



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 238-260.

Espaços, corpos e desejos: a cidade e o urbano na arquitetura da pegação em Belo Horizonte, Minas Gerais

Alexandre Eustáquio Teixeira¹

RESUMO: O artigo tem como propósito o exercício reflexivo e analítico sobre as experiências de sexo entre homens em contextos urbanos de escalas variadas em frente das transformações que os estudos sobre gênero e sexualidade têm relatado nos últimos anos. A partir da retomada de uma experiência etnográfica desenvolvida no início dos anos 2000 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, pretendo sinalizar para alguns avanços e torções analíticas que vêm caracterizando o debate sobre espaços sexualizados e marcados pelo gênero no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: espaços sexualizados; pegação; economias do erotismo.

Abstract: The article exposes a reflective and analytical exercise on the experiences of sex between men in urban contexts of varied scales in front of the transformations that studies on gender and sexuality have reported in recent years. Starting from the resumption of an ethnographic experience developed in the early 2000s in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, I intend to point out some breakthroughs and analytical twists that have been characterizing the debate about sexualized spaces marked by gender in Brazil.

Keywords: Sexualizes spaces; pegação (cruising sex); economies of eroticism.

Resumén: El artículo propuso un ejercicio reflexivo y analítico sobre las experiencias de sexo entre hombres en contextos urbanos de escalas variadas frente a las transformaciones relatadas por los estudios sobre género y sexualidad en los últimos años. A partir de la reanudación de la experiencia etnográfica desarrollada a principios de los años 2000 en la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais, pretendo señalar para algunos avances y torsiones analíticas que vienen caracterizando el debate sobre espacios sexualizados y marcados por el género in Brasil.

Palabras clave: espacios sexualizados; pegação (“yiro”); economías del deseo.

¹ Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Minas. Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da PUC - Minas.

Recebido em 11/09/17

Aceito em 29/10/17

Introdução

O presente artigo é um esforço de reflexão crítica e retorno a um projeto etnográfico desenvolvido no início dos anos 2000 que teve como mote os usos e sentidos da cidade e do erotismo produzidos por homens no contexto de trocas eróticas que, a época, chamava de pegação. A noção de pegação operava naquele momento como uma categoria analítica que mobilizava ideias sobre identidades sexuais, regimes de erotismo e formas de entendimento do espaço urbano na cidade de Belo Horizonte, local onde realizei pesquisa entre os anos 2000 e 2003.

Em termos de composição de um campo de reflexões sobre tal temática, o cenário na época era fragmentário e parco. Isso que os interlocutores nomeavam como pegação não tinha sido objeto explícito de reflexões que considerassem a dimensão espacial e relacional do erotismo. A internet não era uma ferramenta tão popular ou abrangente quanto passou a ser nos anos seguintes ao término da pesquisa, de modo que as poucas referências sobre a questão e fenômeno específico que me interessavam estavam espalhadas em trabalhos no campo do urbanismo, da geografia e em menor medida da antropologia e da sociologia. No escopo dessas duas últimas, devo mencionar os estimulantes *insights* presentes em etnografias sobre a homossexualidade na segunda metade da década em grandes centros urbanos do Brasil, em especial o de Fábio Barbosa da Silva, datado do final dos anos 50 e republicado ali no início dos anos 2000 (BARBOSA DA SILVA, 1959 [2003]) e a densa e instigante etnografia de Néstor Perlongher, dos finais da década de 1980, também republicada no início dos anos 2000 (PERLONGHER, 1988 [2007]).

Se o trabalho de Fábio Barbosa da Silva esmiuçava os contornos de uma experiência erótica entre homens em uma cidade em franco e intenso crescimento e transformação em decorrência da intensificação da urbanização como foi a São Paulo do início da segunda metade do século XX, em Perlongher os efeitos e consequências dessa urbanização eram levados às suas consequências a partir do movimento e da deriva dos “michês” paulistanos na malha urbana e pela cidade produzindo deslocamentos e remarcando sobre o efêmero do tempo os corpos que portavam e os dos seus clientes através de uma economia superlativa de masculinidades, afetos e perigos.

Na composição desse cenário apresentava-se ainda um pequeno fragmento do estudo etnográfico de Laud Humphreys sobre sexo entre homens em banheiros públicos em uma cidade dos Estados Unidos e que, espantosamente, fora rapidamente incluído em uma coletânea sobre ética e metodologia de pesquisa em ciências sociais que fora traduzido para o português pouco tempo após



a publicação do seu livro (HUMPHREYS, 1971; 1974). Em parte, podemos creditar essa velocidade ao modo como a problematização sobre as estratégias metodológicas adotadas por Humphreys provocaram um efeito na reflexão sobre os limites do pesquisador e os entraves éticos que estavam presentes na pesquisa sobre sexualidades e erotismos e que, acredito, poderiam servir de mote para o debate mais amplo no interior da disciplina.

Outras pesquisas existentes tinham como lócus geográfico os Estados Unidos, sobremaneira, e buscavam pensar as articulações entre espaço com a vida pública, o perigo e saúde, o tempo e a memória, categorias de experiência ou mesmo algo como uma “cultura gay”, como notaram as avaliações de Lieshot (1997) e William Leap (1999). Nesses termos, a literatura especializada esteve marcada por um intenso investimento na dimensão “pública” dos encontros sexuais, de modo que, como apresentarei mais a frente, parece haver aqui uma própria problematização a partir do aparente paradoxo que parece assumir no contexto ocidental a justaposição entre “sexo” e “espaço público”. Contudo, parece ser mais produtivo considerar nesse momento os regimes discursivos e experienciais que produzem e conferem uma viabilidade a essa justaposição, argumentando em favor da positividade de se “examinar os processos sociais e históricos através dos quais certas localidades foram favorecidas lugares para encontros sexuais, bem como as consequências sociais e históricas da designação de certos espaços como localidades sexualizadas” (LEAP, 1999, p.3)

Conforme realizava incursões aos espaços frequentados pelos interlocutores, bem como os entrevistava, a pesquisa ia assumindo seus próprios desígnios e passei a me interessar particularmente pelos sentidos de público e privado, intimidade e identidade, anonimato e vida pública que eram reelaborados e tecidos na forma como os rapazes que conhecia iam acionando, desmembrando e localizando conforme corpos e desejos atribuíam sentidos e valor aos espaços que frequentavam e que eventualmente, em virtude do engajamento nessa ampla rede de lazer e divertimento (e às vezes até trabalho) iam assumindo. Os discursos e representações emergentes daí me conduziram a proposições que hoje devem ser tomadas de maneira crítica e serem reavaliados, principalmente em virtude do acúmulo de trabalhos e do maior diálogo entre pesquisadores e pesquisadoras que se dedicaram ao fenômeno específico das masculinidades e da pegação, ou de forma mais ampla, às interseções entre sexo, cidade e erotismos em diferentes recortes geográficos e temporais. E é esse exercício que pretendo realizar aqui: confrontar os dados e interpretações que me eram possíveis naquele momento aos desdobramentos e reconfigurações desse campo a partir de trabalhos recentes, sobremaneira aqueles que se encenaram no campo das ciências sociais, com especial destaque para a Antropologia – eixo a partir do qual percebo uma maior concentração na produção.



Com vistas a algo que poderíamos chamar de uma “sinceridade científica”, na primeira seção deste artigo apresento os argumentos e dados conforme posso dizer que eles foram pensados ao início da pesquisa, e em seguida busco confrontá-los com o material etnográfico acumulado posteriormente e com meu próprio estranhamento teórico e analítico. Sendo assim, devo fazer algumas breves considerações sobre o desenho e os propósitos da pesquisa naquele momento.

Ao propor a investigação que culminou na dissertação de mestrado, me interessava particularmente os processos de composição e espacialização de identidades sexuais. O contexto da pegação me parecia interessante porque apontava para formas de produção de linguagem e experiência que não se estabeleciam a partir de uma coesão compulsória entre práticas, espaços e identidades sexuais, como ilustrava a etnografia de Perlongher ou o trabalho de Gameiro (1998) sobre a situação lisboeta. Contudo, a identidade sexual era uma questão relevante e importante para a academia e para o movimento social, de modo que participou da constituição do próprio campo de estudos sobre gênero e sexualidades no Brasil primeiro com as reflexões de Peter Fry (1982), e seus desdobramentos na década de 1990. Como hipótese, hoje poderia dizer que a inserção dessa pauta na agenda acadêmica talvez tenha a ver com as articulações entre Estado e aquilo que hoje nomeamos como “movimento LGBT”, e que na época era composto e nomeado como “movimento homossexual”. Essas articulações e parcerias se estabeleceram sobremaneira a partir das respostas à epidemia da aids que atingira de maneira mais intensa grupos homossexuais, trabalhadoras sexuais e usuários de drogas injetáveis. Em todo caso, mesmo com a heterogeneidade de público foi a aids quem mais ativamente pareceu participar de um movimento de aproximação entre Estado, movimentos sociais e sociedade civil que repercutiram na construção de um discurso e uma imagem pública da homossexualidade positivada em relação às décadas anteriores. Reflexões desse tipo são corroboradas por trabalhos como o de Galvão (2000), Facchini (2005), Gamboa (2013) e Oliveira (2017a), por exemplo.

Contudo, apesar das questões que alimentaram meu interesse pelo tema, ao me defrontar com os interlocutores e seus relatos, me foram enunciadas outros problemas, tensões e questões que tomavam as questões relativas às identidades como secundárias, e me eram apresentadas questões às quais me eram familiares como arquiteto e urbanista iniciando uma pós-graduação em Ciências Sociais, mas que deveriam ser refletidas a partir de referenciais e métodos e outros; questões que deveriam ser expandidas em seus efeitos e sentidos de modo que eu pudesse produzir uma descrição e análise suficientemente densa e ampla que desse conta de agregar e localizar as preocupações que me eram continuamente anunciadas. Essas questões, posso dizer hoje, diziam respeito à



espacialização do sexo e do erotismo, e às articulações possíveis e desejáveis entre prazer e perigo, estigma e tesão, anonimato e exposição, público, privado e intimidade. Nesses termos, ao longo de todo o empreendimento da pesquisa adotei como estratégia a realização de entrevistas semiestruturadas com pessoas que costumavam frequentar os lugares conhecidos e mencionados pelos interlocutores como espaços privilegiados para suas práticas. Além disso, acompanhado de algum interlocutor ou sozinho, fazia visitas aos lugares, conversava e observava o cotidiano ritual das transações que me eram narradas, descritas e reencenadas durante as entrevistas. É sobre esse material que gostaria de me deter agora.

Territórios e “lugares de pegação” em Belo Horizonte

Durante a pesquisa tive a oportunidade de ir a alguns espaços que eram utilizados como regiões de encontro entre homens que faziam sexo com outros homens na cidade de Belo Horizonte. Esses homens classificavam e pensavam a si mesmos a partir de categorias que se alternavam e ganhavam significados variados: gays, homossexuais, normais, héteros, bissexuais, entre outras que articulavam-se através de intensificações ou tensionamentos as práticas eróticas e sexuais que estabeleciam nos lugares que investiguei. A partir do acionamento de uma rede de amigos e interlocutores realizei ainda um conjunto de dez entrevistas com homens e uma mulher que diziam haver frequentado esse espaço há pelo menos dez anos. Essas entrevistas e os entrevistados configuraram um cenário de múltiplas redes de pertencimento e interesses. Todos essas diziam não frequentar a época tais espaços, tinham em média de 30-33 anos, ocupações variadas e nível educacional elevado (pelo menos segundo grau, sendo 7 desses pelo menos graduados dos quais 4 eram professores do magistério superior). Consideradas essas restrições e particularidades, as pessoas entrevistadas serviam como chave de acesso à reconfiguração de um cenário urbano que dizia respeito ao universo de experiências eróticas e sexuais que se encenaram em Belo Horizonte entre os fins da década de 1980 e 1990. Posteriormente essas informações e relatos foram contrabalanceados e reavaliados à luz de experiências narradas por frequentadores que se reconheciam majoritariamente como “homens gays”.

Apesar de Belo Horizonte ter sido um dos locais escolhidos para a realização das entrevistas que subsidiaram as pesquisas de Parker (2002), a cidade não foi focalizada em seu trabalho. As referências sobre o caráter histórico de espaços utilizados como lugares de encontro entre homens na capital mineira eram escassos. Alguns trabalhos históricos e jornalísticos poderiam ser usados aqui como espaço de suposição sobre encontros que se realizassem no Parque Municipal, por exemplo.



Na década de 70, um romance de geração o retrata como um espaço marginal da cidade, frequentado por mendigos, bandidos e prostitutas, além de ser um local para o encontro de “pederastas”. Entretanto, o contexto de um crime passionai ocorrido na década de 1940, envolvendo dois homens, indica que esse espaço público já era utilizado, pelo menos desde essa época, para encontros homoeróticos. O engenheiro paulista Luís Gonçalves Delgado foi assassinado dentro do Parque Municipal em 1946. O caso teve grande repercussão na imprensa local. A polícia afirmou tratar-se de um crime passionai, tendo em vista que nada havia sido roubado da vítima. Após muitos anos de investigação um homem de apelido “Gaúcho” foi apontado como o autor do crime. O depoimento da ex-esposa de Gaúcho foi fundamental para que ele fosse acusado, já que, na época, ela afirmou ter ouvido dele a confissão do crime. Logo depois, os dois se separaram, quando ela descobriu que ele era homossexual. Entretanto, Gaúcho foi julgado inocente e o caso ficou sem solução até os dias atuais (RODRIGUES, 1999; MORANDO, 2008).

Uma das primeiras perguntas feitas aos entrevistados procurava identificar quais os locais que conheciam, direta ou indiretamente, nos quais era possível obter um contato sexual ocasional e não-contratual. Nesse sentido eles eram estimulados a relatar sobre os lugares que frequentavam e sobre aqueles que conheciam apenas através de informações indiretas, desde que se enquadrassem nesse perfil. Também deviam descrevê-los qualitativamente e relatar em que momentos de suas vidas foram utilizados. Segundo os relatos obtidos, havia em Belo Horizonte vários locais que propiciavam encontros entre homens que buscavam um contato sexual fortuito. Esses territórios eram constituídos por espaços com características diversas. Seguindo a sugestão de Lofland (1985) e atualizada por Souza (2000), o espaço poderia ser aglutinado em duas grandes categorias: a dos espaços públicos e semi-públicos. A segunda categoria, por sua vez, era desmembrada em duas outras a partir da implicação de uma experiência de consumo como forma de acesso e utilização. De acordo com essa tipologia, os lugares descritos e apresentados pelos entrevistados poderiam ser públicos (ruas, praças, parques e banheiros públicos); espaços semi-públicos de consumo não compulsório (banheiros de shopping centers, supermercados e lojas de departamentos) e semi-públicos de consumo compulsório (saunas gays, cinemas pornô, saunas e cinemas “caretas”). Esses lugares foram genericamente denominados, pelos frequentadores, como “locais de pegação”.

Conforme pude apreender a partir das narrativas, o termo “pegação” buscava designar a ação de paquerar ou conquistar outros homens para contatos afetivos ou sexuais passageiros, efêmeros:



Na linguagem homossexual [fazer pegação] é ir num lugar onde existem pessoas disponíveis para você poder ficar. O povo fala “fazer pegação” também em banheiros. Aí o sentido é literal. É pegar alguém mesmo. (João, 41 anos, profissional liberal).

Esse termo foi constantemente empregado na literatura científica com esses mesmos significados (HEILBORN, 1999; GREEN, 2000; TREVISAN, 2000; PARKER, 2002, entre outros). Deve ser ressaltado que nenhum entrevistado relatou o uso de bares GLBT para encontros sexuais ocasionais. Quando lhes foi perguntado o motivo pelo qual esses lugares não foram lembrados, as respostas dadas sempre estiveram próximas à noção de que esses locais são ambientes mais adequados para encontrar os amigos, para sair com os parceiros, ou, então, para “caçar” alguém para “ficar” e, quem sabe, namorar. Assim, os bares poderiam ser considerados como lugares nos quais predominava uma sociabilidade mais grupal, com interações marcadas pelo exercício de trocas sociais nas quais o grupo de amigos, ou conhecidos, tem um importante papel. Além do mais, os bares e as boates, retomando Gameiro (1998), eram espaços gays de fato, pois eram frequentados, sobretudo, por homens que se reconheciam como gays, pelo menos enquanto permanecessem nesses espaços. O bar e a boate não eram espaços de uma transa anônima, as pessoas já tinham nome

[...] Para você ir a um bar pressupõe que você tenha uma relação com a identidade diferente. Mesmo que você não seja assumido para a família, você vai no bar gay porque você é gay. (José, 34 anos, professor universitário).

Entretanto, isso não significava que um contato sexual fortuito não pudesse iniciar-se nesses locais, tal como ocorriam em tantos outros cenários sociais, envolvendo ou não gays. Da mesma forma, era possível que um contato menos anônimo e mais afetivo se desenvolvesse, por exemplo, em um cinema pornô, já que as interações não eram determinadas pelo espaço, mas apenas condicionadas por ele. Nesse sentido, se um homem tivesse o desejo de ter apenas um contato sexual ocasional seria lógico que ele procurasse por espaços nos quais tais atividades se desenrolam com maior frequência, tais como as saunas gays e cinemas pornôs.

Já as boates foram citadas por apenas um dos entrevistados como um local que propicia intercursos sexuais anônimos. Nesse caso, o entrevistado fez questão de ressaltar um aspecto que as distingue dos locais de “pegação” propriamente ditos, como as saunas e os cinemas. Nas boates os encontros sexuais ocasionais ocorriam em locais específicos, geralmente nos *dark rooms* - quartos de uso coletivo e de livre acesso, sem iluminação, utilizados pelos clientes, com a anuência da casa. Nesse caso, disponibilizam, em um mesmo estabelecimento, dois espaços nitidamente demarcados para dois tipos de interações sociais distintas. Foi relatado que ser visto entrar ou sair de *dark rooms* em boates, por amigos, podia ser uma experiência vergonhosa. Ainda mais se tratando apenas de



conhecidos, ou se o sujeito em questão possuísse uma identidade social oposta àquela normalmente associada aos frequentadores dos locais de “pegação”. Marcelo (26 anos, escrivão) declarou que era comum, após uma ida à boate, passar em determinadas ruas no centro para procurar uma transa ocasional e encontrar nesses locais amigos que haviam saído mais cedo da boate alegando que iriam para casa descansar.

Entre os espaços de encontro citados, os cinemas pornôns foram descritos por muitos como ambientes “sujos”, “perigosos”, “barra pesada”.

O cine Candelária está fechado? Que dó! Deve ter sido interditado pela saúde pública né. (José, 34 anos, professor universitário, ao saber do fechamento do cine Candelária, localizado na praça Raul Soares).

É muito sujo, é muito perigoso, é muito estranho porque não dá pra ver quem você encontra pra fazer alguma coisa [...] A gente houve falar de caso de gente que é assaltado lá dentro. De repente você entra com uma pessoa que você nem tá vendo direito, é muito arriscado, mas comigo nunca aconteceu não. Mas já ouvi falar de muito caso. (Paulo, 38 anos, músico, descrevendo o cine Roma).

Os baixos preços que eram cobrados pelo ingresso, a ausência de um local seguro onde os clientes pudessem deixar seus objetos de valor (como os armários, comuns nas saunas), a dificuldade na execução da limpeza da sala no escuro e a própria higiene pessoal dos clientes eram apontados, por alguns, como as principais causas dos problemas nos cinemas. Apesar de ser um ambiente que era frequentado por pessoas de diferentes classes sociais, segundo os entrevistados, os baixos preços dos ingressos e a forma de funcionamento do lugar explicavam a predominância de clientes de baixa renda, muitas vezes descritos como “porcos” e “perigosos”. Um entrevistado usou a seguinte expressão para falar sobre o público do antigo cine Roma: “vão desde empresários e médicos até malandros e desempregados”, como notou Augusto (42 anos, técnico em enfermagem). Esse tipo de descrição polarizada foi frequente, principalmente quando se referiam aos frequentadores de locais públicos, o que reforçava sua característica de espaço heterogêneo/plural, apesar de revelar certo preconceito de classe. Paulo descreveu assim o público dos banheiros o Parque Municipal: “você acha tudo quanto é tipo de gente nesse lugar, desde o mais simples, desde o analfabeto, até o PhD”.

As saunas, por outro lado, eram relatadas como ambientes mais confortáveis, limpos e seguros para encontros ocasionais, como descreve Augusto:

Nas saunas eu acho bem melhor pra se encontrar alguém [...] pelo nível das pessoas. E porque é mais limpo também. Sempre tem alguém limpando, tem os faxineiros que sempre limpam [...] Em sauna você vê a pessoa, e pode tomar um banho depois que você “usa” né. Como se diz, lavou tá novo né. (Augusto, 42 anos, técnico em enfermagem).



A vantagem da sauna é que é um lugar mais seguro. Você chega, tem um armário onde você guarda a carteira, tudo trancado. É mais difícil de ser assaltado. E tem a questão da higiene também. Se você vai transar com um cara, você pode tomar um banho e você vê ele tomando banho. Por mais que ele tenha transado com mais de “n” pessoas lá dentro, ele vai tomar um banho e você vai tomar um banho. Agora no cinema a coisa já é mais complicada. (Mário, 36 anos, aposentado).

É interessante perceber que a noção de sujeira, ou limpeza, aplicada aos ambientes não se devia somente à higiene do lugar, mas, também, à higiene das pessoas. Isso reforça a noção de que apreciações morais, estéticas e sensoriais, a exemplo da concepção de nojo, também são construídas e reiteradas coletivamente, e, nesse sentido, demarcadas cultural e subjetivamente a partir de certas convenções em contínua atualização no processo histórico. Isso, contudo, não implica uma homogeneidade no interior dos coletivos ou recortes temporais e espaciais, tendo em vista que esse processo de construção deve ser pensado desde o seu aspecto relacional. E aqui a noção de relação deve ser entendida como forma de agenciamento e avaliação de saberes e experiências, também como a possibilidade de constituição ou restrição de vínculos entre agentes.

Como se sabe, não é possível avaliar as condições de higiene dos espaços e de saúde dos indivíduos apenas através de sinais superficiais, tais como “tomar banho” ou pelo odor. Se por um lado não é possível estabelecer uma correlação absoluta entre aspecto físico e práticas de saúde, por outro é possível identificar nas descrições e avaliações produzidas a partir de concepções de higiene e asseio à constituição de cadeias semânticas que vinculam a noção limpeza à classe social, ou, pelo menos, a aparência de status que as pessoas transmitem, sem esquecer é claro a dimensão racializada pela qual higiene é uma referência à forma de marcação da diferença social relativas à raça e cor de pele.

Entretanto, mesmo a despeito dessa operação de distinção entre cinemas, saunas, boates, bares e banheiros, algumas saunas foram descritas como locais muito próximos aos cinemas no que se refere à segurança e limpeza, particularmente uma localizada em um bairro descrito como “popular”. Outras foram relatadas como saunas nas quais predominavam a presença de michês e de homens mais velhos, que contratavam os serviços desses trabalhadores sexuais. Por fim, algumas foram descritas como espaços que abrigavam, além do sexo ocasional, interações sociais menos impessoais. Uma delas, a sauna Vappore, ainda em funcionamento e localizada no bairro de Lourdes, na região centro sul da cidade, uma área valorizada da mancha urbana, era lembrada por ter um ambiente que se assemelhava a um bar onde as pessoas poderiam ir entre amigos, jogar cartas, por exemplo.

Já os encontros de pegação que ocorriam em banheiros públicos eram marcados pelas ideias do risco e da efemeridade, ainda que facilitadas pela ausência de uma fiscalização “séria” que poderia



ser feita por vigias ou faxineiros. Como eram espaços altamente heterogêneos, eram identificados como lugares muito perigosos, frequentados por “todo o tipo de gente”. Já os banheiros semi-públicos, principalmente os de shopping centers e supermercados, foram descritos como locais muito vigiados. Porém, a fiscalização não era vista como um empecilho aos encontros sexuais fortuitos (mas, de fato, os tornam mais difíceis de ocorrerem). Essa vigilância em muitos casos era encarada como um fator positivo de seleção de público e de segurança.

Eu acho que os banheiros de shopping são um lugar mais seguro. E também o nível das pessoas é melhor, não é qualquer um que vai lá. Pode ser até de classe média, de classe baixa, mas ela tem uma aparência... (Mário, 36 anos, aposentado).

Ao contrário do que ocorreu com os abundantes relatos sobre o uso de locais de “pegação” em espaços semi-públicos, quer sejam de consumo compulsório ou não, poucos entrevistados declararam ter feito uso de ambientes localizados em espaços públicos, apesar de todos saberem alguma coisa sobre esses lugares, principalmente pelo medo de serem reconhecidos ou repreendidos.

Eu nunca fui no Parque Municipal com essa finalidade e nem iria. Eu não sou contra quem faz isso mas eu acho que a pessoa tá correndo o risco de queimar o filme dela [...] eu acho que é se expor, correr risco, por muito pouco. (João, 41 anos, profissional liberal).

Os que afirmaram conhecer esses lugares os descreviam como locais altamente diversificados com relação ao público. Outra característica interessante observada é que todos esses eram supostamente ocupados apenas em horários de pouco movimento, sobretudo no período noturno e de madrugada, “A noite encobre tudo”, lembra Pirani (1999). A única exceção foi o Parque Municipal no qual os encontros ocorriam durante todo o dia, devido o seu horário de funcionamento restrito.

A maioria dos locais citados nas entrevistas situavam-se na região delimitada pela avenida do Contorno, no centro da cidade, ou próximo a ele. É possível que essa concentração se devia ao fato dessa região ser mais acessível, seja através do sistema de transporte coletivo público (denominado como modelo radiocêntrico), conjugado ao anonimato relativo característico das áreas centrais das grandes cidades. Além do mais, como observou Humphreys (1974), o sucesso desses lugares dependia, entre outros fatores, da quantidade e diversidade de homens que conseguem atrair. Nesse sentido, acessibilidade e anonimato seriam fundamentais para o funcionamento desses locais.

Apenas três dos espaços descritos fugiam a essa localização: um parque localizado na região noroeste (no bairro Itapuã), um parque na região sul (no bairro Mangabeiras) e uma área de lazer na região norte (no entorno da lagoa da Pampulha). As referências a esses lugares foram indiretas, ou



seja, foram informações obtidas por amigos e conhecidos dos entrevistados, sem que tenham sido verificadas diretamente por eles.

A cidade de Belo Horizonte foi planejada, construída e “inaugurada” no final do século XIX, sob a marca da modernidade e racionalidade, inspirada em modelos urbanísticos europeus e americanos, para ser a capital administrativa do estado, anteriormente localizada em Ouro Preto. A mudança da capital expressava, antes de qualquer coisa, a construção de uma nova imagem nacional republicana, através da ruptura com a tradição colonial representada pela cidade de Ouro Preto. A cidade foi setorizada em três áreas distintas: urbana, suburbana e rural. A zona urbana, delimitada pela avenida do Contorno, possuía toda a infra-estrutura sanitária e de circulação, tornando-a extremamente cara para ser ocupada por mais pobres, que ocuparam desde os primeiros anos de vida da cidade a zona suburbana, fora da avenida do Contorno. (ANDRADE, 1996, p.58). Apesar da região delimitada pela avenida do Contorno ter sido inicialmente planejada e destinada às classes média e alta, contemporaneamente configura-se como uma região diversificada com relação à sua ocupação por distintas classes sociais, não configurando uma região homogênea desse ponto de vista. Como já foi dito anteriormente, os relatos cobrem períodos e/ou espaços poucas vezes coincidentes. Vistas em conjunto essas experiências abrangem praticamente os últimos 12 anos do século XX. Além do mais, verificam-se (e isso ainda ocorre nos dias atuais) constantes modificações nos espaços de pegação da cidade. Novos estabelecimentos que são inaugurados, outros que tiveram suas marcas alteradas, mudaram de endereço, ou faliram.

Territórios de experimentação, estratégias de escrita e leitura

As primeiras idas aos lugares de pegação que me foram narradas apresentam uma semelhança na experiência de vida de praticamente todos os entrevistados, pois se inserem dentro de um processo de conscientização e experimentação dos primeiros contatos sexuais e afetivos com pessoas do mesmo sexo.

Aí eu resolvi assumir, que é o famoso sair do armário: sou gay [...] Existem dois momentos quando você assume a identidade gay. Primeiro você chega e fala assim: sou gay, e depois você se pergunta: o que é isso? Aí pra responder o que é isso eu inventei de cair no mundo [...] Foi quando eu comecei a frequentar os lugares gays. Eu fui em todos os espaços gays possíveis, alguns extremamente divertidos. Não deixa de ser uma vivência curiosa. Fui à sauna, fui a cinema, fui para a rua, fui à roda de amigos. Até então eu não era gay, era uma coisa no meio do caminho, então eu fui ver como as pessoas eram gays para eu aprender o que era ser gay. (José, 34 anos, professor universitário).

Entretanto, nem sempre essas primeiras experimentações derivavam de uma vontade clara e consciente de assumir uma postura de vida explicitamente homoerótica. Um dos informantes relatou



que sua primeira entrada em um local de “pegação” ocorreu “acidentalmente”, já que afirmou desconhecer o que de fato se passava dentro do referido lugar. Entretanto, o entrevistado afirmou que já possuía curiosidade e desejo de ficar com outros homens, apesar de não estar preparado, naquele momento, para assumir uma identidade homoerótica:

Mário: Eu morava com meus tios, então ficava a fim de sair, chegava um final de semana, um sábado, eu queria sair e não tinha lugar nenhum pra ir. Então eu falei assim: vou em um cinema, vou ver um filme [...] Eu ia em um cinema que tava passando um filme pornô...[se refere ao Cinema Arte Palácio]

Pesquisador: E como você ficou sabendo desse cinema?

Mário: Andando na rua, estava passando, andando normal [...] você sai à noite e está a fim de fazer alguma coisa, de caçar algo pra fazer, e desce pro centro da cidade [...] Mas você sabia que dentro do cinema você podia encontrar outro homem, um parceiro? (pesquisador) Já tinha uma intenção, mas... Não, eu não sabia. Eu não sabia que dentro do cinema eu ia encontrar. Eu tinha, por exemplo, aquela fantasia [...] (Mário, 36 anos, aposentado).

Nesse caso, as experiências que se iniciaram fragmentadas e isoladas tornaram-se frequentes e culminaram na decisão do entrevistado em romper o relacionamento estável que mantinha com uma mulher há vários meses:

Eu ia [no cinema] uma vez por mês, de quinze em quinze dias, às vezes passava dois meses. Porque eu tinha uma namorada, então eu tinha que sair, namorar com ela. Mas teve um momento que eu fui percebendo que minha atração por homens foi crescendo [...] Quando eu tava com minha namorada, havia troca de carinho, eu ficava excitado, transava com ela, mas era um carinho diferente. Com os caras tinha mais fogo, era diferente, dava mais prazer [...] depois eu resolvi: não dá mais pra ficar com mulher, eu não posso ficar me enganando, eu tenho que assumir meu lado homossexual e ir pra frente. (Mário, 36 anos, aposentado).

Um aspecto dos relatos que deve ser destacado se refere à surpresa por parte de alguns homens que frequentavam os lugares de pegação e outros espaços de sociabilidade entre homens majoritariamente homossexuais, incluindo os bares e as boates gays, ao perceberem que uma imagem da homossexualidade masculina representada por homens com traços femininos não era a única encontrada nesses locais.

Eu comecei a olhar quem estava do lado, eram bancários, de calça jeans, homens sem nenhuma marca especial. Foi uma coisa que me decepcionou muito, porque, em algum momento eu pensei que fosse encontrar o paraíso gay. (José, 34 anos, professor universitário, descrevendo sua primeira ida ao Cine Candelária).

E eu achava que o gay era uma pessoa que tinha que desmunhecar, não que eu desmunhecasse, mas que ele tinha que desmunhecar [...] Então eu chegava na boate e via aquele tanto de gente, pessoas de gravata, aquela coisa toda, e de repente sentavam na mesa e começavam a se beijar. Eu assustava com aquilo: não é possível! Esse cara de barba e tal, com essa aliança na mão, todo musculoso, beijando o outro... E aí eu passei a entender o mundo gay. (Mário, 36 anos, aposentado).

Nos relatos acima podemos perceber que, a princípio, as reações de surpresa expressas por José e Mário eram diametralmente opostas. José avaliou sua primeira ida ao cine Candelária como uma “aula sobre como não ser gay”. Ele relatou ter sido ignorado pelos outros homens do lugar. Ele



acreditava que isso ocorreu porque estava com uma imagem pouco masculina e que os homens do lugar não gostavam disso:

Eu tinha um cabelo comprido e como tinha que trabalhar eu fazia uma trança [...] era uma figurinha risonha, conversante, de trança [...] Ninguém se encostava em mim quando me percebiam de trança [...] Alguém só encostou em mim quando eu sentei e afundei na poltrona, que eu sumi, fui pra sombra. (José, 34 anos, professor universitário).

Mário, por sua vez, ficou empolgado ao perceber que havia homens que adotavam um comportamento masculino que gostavam de outros homens, pois ele não gostaria de assumir um comportamento que se aproximasse de um padrão de comportamento feminino. Vários entrevistados afirmaram terem conhecido e ficado, em saunas, cinemas e boates, com homens que se declaravam casados.

A presença de homens que mantinham um desnível entre práticas eróticas, orientação sexual e regimes de moralidade nos locais de pegação era explicada pelos entrevistados justamente por serem “locais de anonimato”. Nesse caso anonimato não implicava necessariamente uma possibilidade de não reconhecimento, mas sim de jogo com formas divergentes (e as vezes conflitantes) de identificar-se. Muitos desses lugares não eram representados como ambientes “gays” de fato. Essa noção de um “ambiente gay” operava como um recurso estratégico na justaposição entre identidades públicas, práticas eróticas estigmatizadas e gestão o desejo. Para muitos interlocutores, ter encontros em lugares com múltiplas lógicas de uso (a exemplo dos banheiros de shopping, parques, etc.) era uma vantagem recursiva na medida em que, sendo surpreendidos por pessoas conhecidas, haveria ali a possibilidade de justificar sua presença fazendo referência a outras possibilidades de uso do espaço: passeio, compras, etc.

Nessa lógica de conflito entre possibilidades de uso e entendimento dos lugares, múltiplas coletividades e lógicas de identificação, a linguagem operava um papel fundamental tendo em vista que saber ler e expressar-se frente aos pares é imprescindível na gestão do risco e na manutenção das cadeias de coesão que as pessoas constroem para si. Quando um homem se dirigia a um território homoerótico a fim de encontrar outro deveria, minimamente, saber reconhecer, entre aqueles que estavam no mesmo espaço, quais estariam interessados em manter um contato sexual e/ou afetivo imediato com ele. Assim como ele próprio deveria ser capaz de expressar o seu desejo caso encontrasse um parceiro que considerasse atraente e disponível.

Nos lugares que eram utilizados informalmente para encontros masculinos, tais como os existentes em espaços públicos e semi-públicos de consumo compulsório ou não, além de saber



reconhecer e expressar suas intenções, eles deveriam ser cautelosos a fim de evitar o risco de serem agredidos por estranhos ou serem reconhecidos por amigos ou familiares. Como já foi dito, esses espaços, por serem de uso coletivo, eram utilizados por uma grande diversidade de indivíduos. Assim, eles utilizavam algumas “estratégias” que visavam “enganar” os indivíduos “não entendidos”, ao mesmo tempo que possibilitavam continuar a busca de eventuais parceiros:

Na avenida João Pinheiro, na verdade, o que ocorre é apenas passagem. Você não vai ver homens parados. A não ser, por exemplo, próximo a pontos de ônibus. A pessoa que não quiser se expor, ela fica no ponto de ônibus. Se eu chegar lá e perguntar [o que ela está fazendo] ela vai dizer: Ah! Estou esperando meu ônibus [...]. O ponto de ônibus é um ponto estratégico. Se passar um conhecido, ele está esperando um ônibus. Ao mesmo tempo ele está esperando que a pessoa que passe ali seja agradável. (Marcelo, 26 anos, escritor).

Outras formas de tentar despistar os sujeitos que não participavam dessas interações também implicava a simulação de outras atividades, tais como, andar repetidas vezes ao redor de uma praça, ou lavar demoradamente as mãos nos lavatórios de um banheiro público. Porém, foi repetido por diferentes entrevistados que se fossem muito bem “encenadas”, essas ações poderiam encobrir a real motivação que as originaram (o desejo de um encontro sexual imediato), mesmo para aqueles que, em tese, sabiam reconhecer essas simulações. Nesse sentido, essas ações, para serem bem sucedidas, deveriam conter uma dupla mensagem que fosse facilmente reconhecida apenas para aqueles que se tinha intenção de atingir.

Em muitos casos era através do olhar que se conseguia identificar a real intenção por trás dessas ações. O olhar foi apontado por todos os entrevistados como sendo fundamental para se iniciar qualquer tipo de aproximação em qualquer tipo de espaço de “pegação”.

Quando uma pessoa não quer transar ela olha diferente. Isso vai tudo na troca de olhares. Eu não sei, parece que a pessoa solta alguma coisa no olhar, ou você solta, que encara você de uma determinada forma e chama a sua atenção (Mário, 36 anos, aposentado).

Também era através do olhar que os entrevistados reconheciam situações homoeróticas em espaços “caretas”, nunca imaginados para a conquista de um parceiro ocasional. O próprio espaço no qual se encontravam, dependendo do horário, podia ser um forte indicativo dessa intenção. Encontrar outro homem andando na praça Raul Soares às 3:00h da manhã podia ser um sinal de que estava procurando sexo ocasional. Porém, o comportamento e aparência também deveriam ser levados em consideração. Geralmente era um conjunto de sinais, um olhar, gestos, comportamentos ou até mesmo uma interjeição verbal direta ou disfarçada, que permitiam avaliar com maior precisão se o algum homem em um determinado local estava desejando outro:



Aí eu cheguei lá e fui fazer xixi [se refere ao banheiro da rodoviária], e tinha um cara parado fazendo xixi. Até aí não tem problema nenhum. Tem gente que tem a maior dificuldade de fazer xixi em público. O que chamou a atenção é que ele demorou, e essa demora era interessante [...] Quando eu cheguei o cara já tava ali. Eu fiz o meu xixi e o cara ainda ficou ali. Aí eu olhei para o lado e ele tava com o pinto duro. (José, 34 anos, professor universitário).

Porém, os comportamentos que indicavam o desejo, podiam na verdade camuflar outra intenção, como, por exemplo, a realização de um assalto ou de uma extorsão. Nesse caso, mais do que nunca, vale retomar a ideia de Goffman (2001) segundo o qual todos os sujeitos encenam atitudes com a finalidade de tentar prever e controlar a ação dos demais presentes.

Os lugares de experimentação erótica e sexual identificados em Belo Horizonte não eram, evidentemente, espaços homogêneos no que se refere ao tipo de interações sociais que abrigavam. Os relatos enfatizavam o fato de serem locais frequentados predominantemente por homens que buscavam um intercursos sexual ocasional e não-contratual, porém, foram descritas situações nas quais houve encontros que resultaram em relações mais duradouras de namoro ou amizade. Conforme pude observar as relações entre pessoas não eram estabelecidas aleatoriamente, mas decorriam de um jogo de possibilidades, desejos e interesses entre os pares e/ou grupos. Os critérios de escolha podiam ser relativizados se um potencial parceiro com essas características não fosse encontrado depois de se percorrer vários “territórios eróticos” em uma mesma noite.

Apesar das frustrações e de determinados arrependimentos, as primeiras experiências e os lugares de “pegação” foram avaliados de forma positiva por uma grande parte dos entrevistados. Para alguns foi uma oportunidade de experimentar, pela primeira vez, um contato sexual com outro homem. Para outros, mais do que um lugar de intercursos sexual livre, em que um grande número de relações em um curto espaço de tempo é possível, eram locais onde se podia encontrar uma pessoa para conversar, ouvir histórias de vida, começar uma amizade, ou até mesmo um novo relacionamento.

Eu fui em uma sauna, era uma tarde qualquer, e eu conheci um rapaz, e fiquei horas conversando com ele. Ele foi extremante carinhoso. Com esse cara eu fui pro quartinho [se refere às cabines existentes nas saunas, com uma cama, para haver a relação] [...] eu ouvi todos os problemas possíveis da família dele, e eu achava isso muito bom [...] Porque eu não tava ali só pra transar com ele, eu tava gostando de conhecer aquele moço. Falar que a família dele não sabia que ele era gay, que o irmão dele desconfia, e como é que é isso, e que a mãe dele... que delícia é ouvir essa história, que coisa boa. Poder falar um pouquinho, aí o cara te pergunta e você responde. Isso é muito legal. (José, 34 anos, professor universitário)

Nos relatos que tratavam sobre intercursos sexuais seguidos de longas conversas entre os parceiros, geralmente os assuntos giravam em torno de problemas relacionados à sexualidade e nas dificuldades de se assumir essa escolha frente a familiares e amigos. Também foram comuns trocas de



informações sobre relacionamentos passados dos envolvidos e sobre outros locais nos quais era possível fazer “pegação”. Isso confirmava, em parte, a ideia de que configuravam locais de produção de si como pessoa através do contato, aproximação entre iguais, a necessidade de lidar com a rejeição e o desejo como experiências próximas, enfim, espaços de produção coletiva de subjetividades.

Reconfigurações

Desde 2003, o campo de estudos das relações entre sexo e espaço cresceu significativamente, o que pode ser observado pelo material produzido nas ciências humanas, principalmente em nível de pós-graduação no campo das ciências sociais e da geografia cultural e história. Considerar as contribuições desses trabalhos aos estudos sobre sexualidades, gênero e afetos implica considerar as regiões de proximidade e de distanciamento que experiências em escalas e contextos diversos produzem entre si, bem como as torções e inflexões produzidas entre categorias que foram se sofisticando e elaborando a partir das transformações no espaço das cidades e, em alguma medida, do próprio crescimento urbano.

Digo isso na expectativa de que o material etnográfico e as falas aqui apresentadas sejam lidas em seu contexto de produção e interlocução, mas também como forma de sinalizar novos contornos e possibilidades que podem ser extraídos a partir desse material quando confrontando com contribuições mais recentes. Gostaria de retomar os dados apresentados a partir de alguns eixos e ponderar alguns nuances e avanços no estudo da pegação especificamente, mas considerando de forma ampla as economias sexuais e afetivas que são caracterizadas pela produção de espaços como sexualizados e as marcações de gênero produzidas a partir deles e sobre eles.

Após o término da pesquisa de dissertação tive a oportunidade de retornar a campo por mais algum tempo no sentido de observar as reconfigurações das experiências dos sujeitos frente os contextos de popularização da internet e as possibilidades de encontros aí encenados, o fechamento de alguns espaços já convencionais no circuito de trocas produzido pelos interlocutores, bem como o surgimento de novos espaços, muitos deles de proposta comercial, a exemplo de saunas, bares e boates que já não se enquadravam na lógica do “espaço gay” como um valor negativo. De igual maneira, as pessoas que frequentavam esses espaços passaram a identificar-se de forma mais rotineira como homens homossexuais ou bissexuais e a frequência a tais espaços, apesar da manutenção de certo discurso que fazia menção ao estigma, não era mais tão problemático (cf. TEIXEIRA, 2009).



As reconfigurações no campo diziam respeito não apenas às transformações nos equipamentos, sua utilização e a forma de relacionar-se com os elementos da paisagem urbana produzida por homens nesse contexto. Dizia respeito também à incorporação e maior espaço conferido a outras formas de acesso e produção desses espaços a partir do lugar político que as homossexualidades masculinas gozavam então, à popularização da internet e da produção de redes de partilha de interesses através de páginas que se propunham a reunir pessoas a partir do formato que hoje chamamos de “redes sociais”. Esses elementos, novos ou potencializados, se por um lado não comprometeram o encontro entre pessoas marcadas por diferentes formas de diferença social e desigualdade (cor de pele, classe, origem, nacionalidade, escolaridade, orientação religiosa e constituição de gênero, por exemplo), por outro possibilitaram a constituição de redes de associação a partir das quais os espaços foram se tornando nichos razoavelmente reconhecidos por um tipo privilegiado de frequentador, construindo assim uma complexa relação entre expectativa de heterogeneidade e constituição de coletividades circunstanciais que partilhavam determinados atributos. Nesses termos, penso que o fenômeno aqui tratado possa servir de mote para problematizar um eixo de análise que está presente na literatura em língua inglesa e que parece ecoar em alguma medida na produção brasileira: a noção de “comunidade”.

A comunidade, nos moldes de uma “comunidade gay”, parece inscrever-se como um espaço simbólico a partir do qual os sujeitos parecem reunir-se a partir da condição de serem todos ou todas dotados da mesma identidade política e sexual como pessoas homossexuais. Contudo, em um conto de relação a exemplo do brasileiro, considerar tal noção parece oferecer mais desafios e entraves do que possibilidades para expansão e intensificação das análises. Reiterando as considerações de Maria Elvira Diaz Benítez para um evento similar,

Não existe só uma comunidade homossexual, mas sim diversos ambientes homossexuais com diferentes repertórios que se distinguem a partir de características como estilo, aparência, idade, classe, orientação de gênero e, de uma maneira menos explícita, raça, que aparece geralmente incorporada ao fator de classe. (...) Nessas comunidades homossexuais há diversas classificações dos indivíduos – classificações taxonômicas que cumprem a função de organizar a experiência, criar sujeitos e oferecer-lhes espaços específicos nas interações (DÍAZ-BENÍTEZ, 2006, p.1).

Essa ponderação deve ter efeitos também sobre a forma como se concebe os espaços e lugares na tentativa de construção destes como sexualizados ou marcados por gênero. Em outros termos, ainda que a orientação sexual emergja como um adjetivo de estabelecimentos específicos, a lógica de consumo e de relação para com o espaço parece ser dupla: por um lado refere-se a constituição de espaços diferenciados para pessoas que se percebem como diferenciadas, e por outro parece dizer respeito à própria inventividade e engajamento dos sujeitos na consideração do espaço como uma



categoria construtiva e relacional. Em ambos os casos, o espaço não está pronto, não é um dado aos moldes do que sugeriram geógrafas feministas como Doreen Massey. Nessa circunscrição de duas estratégias ou regimes de inteligibilidade dos espaços parece haver uma maior ênfase da primeira sobre espaços conceitualmente caracterizados como “locais comerciais para encontros sexuais” (BRAZ, 2013), e espaços públicos apropriados para lógicas divergentes dos sentidos de projeto acionados pelo senso comum ou pelo poder público e estatal.

Se esses espaços parecem atender a regimes de inteligibilidade marcados por interesses e estratégias não necessariamente complementares, por outro lado eles parecem partilhar outros aspectos, principalmente no que diz respeito aos efeitos do encontro entre pessoas marcadas por diferentes constituições e personalidades nos moldes daquilo que Oliveira (2017b) nomeou como “economia performática de gênero”, ou seja, os modos como a presença e a corporalidade é lida relacionalmente e os efeitos resultantes daí sobre as possibilidades, entraves e negociações a serem operados no contato e na interação entre os agentes. Nesses termos, as etnografias sobre configurações de espaço micro, a exemplo dos trabalhos de Costa Neto (2009), Gaspar Neto (2013), Souza (2012) e Vasconcelos (2017) parecem oferecer subsídios para se pensar etnograficamente o modo como marcadores da diferença social se conectam e participam do contexto de trocas e parcerias que a pegação encerra.

Mais ainda, os banheiros de que tratam Costa Neto (2009) e Souza (2012), ainda que localizados em contextos díspares entre si (uma universidade pública e um terminal rodoviário), ou o cinema pornô descrito Verlan Gaspar Neto (2013) e por Mario Felipe Vasconcelos (2017), sugerem que não é possível compreender a pegação sem considerarmos (a) as concepções êmicas para troca que conceituam a própria experiência da pegação, por um lado, mas também (b) a forma imprescindível pela qual na equalização entre prazer e perigo, a leitura dos marcadores sociais como raça, classe, origem, estilo, entre outras formas de descrição estética das pessoas é um componente ativo.

Como efeito, a articulação dessas duas instâncias considera também a própria expansão e complexificação do que seja o fenômeno em vista. Se para a maior parte dos interlocutores com os quais tive contato a ideia de pegação se referia a uma modalidade de encontro em espaços apropriados de maneira não convencional e efêmera, de forma descomprometida de um necessário envolvimento afetivo prévio ou da negociação mediada monetariamente a posteriori, outras etnografias, a exemplo



de Oliveira (2017b), têm indicado para aproximações complexas que se estabelecem a partir da própria noção da pegação como um circuito de trocas.

Aqui é necessário que se faça duas ressalvas. A primeira dela é que quando pensamos em circuitos é preciso considerar tanto a dimensão espacial e discursiva que constitui os territórios relacionais nos quais os encontros se estabelecem; a segunda é que a noção de troca é tão importante quanto os elementos colocados em circulação por ela. A noção de “encontro” funciona como uma espécie de protótipo ou sinônimo condensado para o que analiticamente tem-se tratado como troca. Nesses termos a troca é o recurso pelo qual as pessoas juntam-se e constituem-se relacionalmente em meio a marcadores de diferenças e semelhanças, é a forma pela qual se produzem fricções, alteridades e reconhecimentos e a partir do qual emergem falas, discursos e representações sobre as pessoas, lugares e experiências. Mais ainda, como sugeriu Oliveira (2017b), na troca circulam apreciações sobre o corpo e a presença do outro, noções de sexo e erotismo, bem como possibilidades de vinculação afetiva, mas também, tal como proposto por Vasconcelos (2017), feixes de intensidades e sensações que participam da produção perceptiva dos sentidos de lugar e de outro.

Ao levar a sério as enunciações e descrições produzidas pelos agentes penso ser necessário considerar a pegação como uma experiência complexa marcada pelo cruzamento de elementos espaciais, subjetivos e intersubjetivos coletivamente reiteráveis e que participam de um contexto de erotização que coloca em rede corpos, espaços e desejos.

Se a pegação é um contexto de trocas, então é preciso considerar a dimensão e a linguagem econômica a partir do qual as relações são descritas e elaboradas. Isso se materializa não apenas na dimensão de cálculo e leitura presente na categoria analítica de “economia performática do gênero” como um dispositivo de apreciação e aferição de interesses e possibilidades de encontro e parceria, mas também ao modo como novas possibilidades tecnológicas participam da reconfiguração da experiência da pegação e da viabilidade do sexo em espaços que não são necessariamente privados. Assim, Miskolci adverte para a composição de algo como uma “nova economia do desejo”, ou seja, “a forma como as relações entre afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração econômica, de trabalho e de consumo, em que as relações sociais são mediadas digitalmente” (MISKOLCI, 2014, p.273).

No curto espaço de uma década a internet e os dispositivos móveis de comunicação produziram intrincadas e amplas transformações na forma de lidar com a intimidade e na construção de vínculos. Se no começo da década mesmo entre segmentos escolarizados e com acesso a serviços



e produtos sofisticados em seu aspecto tecnológico, hoje em dia a distribuição desses recursos tende a ser mais ampla, desde que se saiba os recursos disponíveis, a linguagem a partir da qual eles operam e onde encontra-los. Há assim uma dimensão infraestrutural nova: as tecnologias digitais participam do modo como as pessoas produzem escolhas em meio a um arsenal de possibilidades que pode ser maior ou menos em cada contexto, como sinalizado por Padilha (2016) e o que implica também a abertura para pessoas usualmente adeptas de outros circuitos e estratégias de paquera e busca por sexo, a exemplo dos arranjos “heterossexuais” descritos por Pelúcio (2016).

A inserção da possibilidade de construção de vínculos através de dispositivos móveis de comunicação, como *tablets* e *smartphones*, bem como as aplicações produzidas e distribuídas para essas interfaces e equipamentos têm criado novas entraves e oportunidades, mas também sofisticado as opções já existentes sobre as possibilidades narrativas e relacionais de produção de corpos e pessoas, como notado por Bonfante (2016).

Se o corpo é um espaço de construção e inscrição de si a partir da forma como ele percebe-se no mundo e interage com outros agentes humanos e não humanos então é preciso estar atento aos múltiplos espaços discursivos e contextuais que operam e conferem valor a esses processos de escrita e leitura.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi de reavaliar as transformações na forma de interpretação de economias eróticas sexuais e afetivas implicadas na constituição disso que ainda hoje é nomeado como “pegação”. Nesses termos, ainda que o referente seja o mesmo, parece haver uma significativa ampliação na sua expressão concreta presente na experiência de agentes em diversas configurações de cidade e escala de urbano por todo o país.

O fenômeno em si parece ser uma interface potente para avaliação das interações entre estudos de gênero e sexualidade e estudos urbanos e citadinos tendo em vista que a questão espacial e as avaliações sobre ela participam a partir de jogos de implicações mútuas que conferem sentido a localidades, pessoas e práticas. Mais ainda, é essa articulação em sua complexidade que deve ser vista como chave analítica para se pensar pares conceituais usualmente cristalizados e lidos como opostos, a exemplo de público-privado ou anonimato-vida pública, e mesmo os arranjos e recursos conceituais que definem práticas e referenciais (sexo, perigo, prazer, higiene, segurança) que têm sua parte na constituição dos erotismos contemporâneos.



Se, por um lado, tem havido intensas contribuições a esse contexto etnográfico específico a partir de descrições ricas e análises que se reelaboram conforme o material se expande no curso das disciplinas, por outro ainda existem lacunas que devem ser observadas e pensadas a partir de sua viabilidade metodológica, teórica e analítica. Terminei este texto apresentando duas das que entendo serem as mais significativas. A primeira dela é o espaço doméstico. Se algumas etnografias consideram que os espaços públicos e os lugares comerciais para encontros sexuais são opções em um contexto amplo de possibilidades, dentre eles as experiências que se encenam no contexto da casa e de relações não tão vinculadas à ideia de encontro entre estranhos ou desconhecidos, a casa ainda permanece como uma lacuna da produção socioantropológica sobre a espacialização do desejo. A segunda nota diz respeito às configurações de moralidade atualmente em voga que também participam nos contextos específicos das representações do espaço. Essa tende a ser resumida a um item em uma formulação, ignorando a pertinência de se pensar como economias eróticas como essa negociam com sentidos convencionalizados sobre práticas e desejos.

Referências

- ANDRADE, Luciana Teixeira. *Representações ambivalentes da cidade moderna: a Belo Horizonte dos modernistas*. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1996.
- BARBOSA DA SILVA, José F. (1959). Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Revista de Sociologia*, São Paulo, vol. XXI, n° 4, p. 350-360, outubro.
- BONFANTE, Gleiton Matheus. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Luminária Acadêmica, 2016.
- BRAZ, Camilo. *À meia luz... uma etnografia sobre clubes de sexo em São Paulo*. Goiânia: Editora UFG, 2013.
- COSTA NETO, Francisco Sales. *Banheiros públicos: os bastidores das práticas sexuais*. Dissertação de mestrado. Natal: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – UFRN, 2009.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.
- GALVÃO, Jane. *Aids no Brasil: agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA, 2000.
- GAMEIRO, Octávio José Carreira. *Do acto à identidade: orientação sexual e estruturação social*. Tese de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1988.
- GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Edunesp, 2000.
- GOFFMAN, Erwing. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2001.



HEILBORN, Maria Luiza. *Corpos na cidade: sedução e sexualidade*, in: G. Velho (org.), *Antropologia urbana: cultura e identidade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

HUMPHREYS, Laud. *A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos*, in: M. Riley e E. Nelson (orgs.), *A observação sociológica: uma contribuição para o conhecimento social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

GAMBOA, Ricardo Fernandes. *De prazeres e perigos: abordagem etnográfica dos roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens e desafios à prevenção do HIV na região central da cidade de São Paulo*. Dissertação – Mestrado em Saúde Coletiva. São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas – Santa Casa de São Paulo, 2013.

GASPAR NETO, Verlan Valle. *Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora*. Niterói: Editora UFF, 2013.

LEAP, William L. Introduction. In: LEAP, William. *Public sex / gay space*. Nova York: Columbia University Press, 1999.

LIESHOUT, Maurice van. *Leather nights in the woods: locating male homosexuality and sadomasochism in a Dutch Highway Rest Area*, In: INGRAN, G. B; BOUTHILLETTE, A.M; RETTER, Y. *Queers in space: Communities, Public Place, Sites of Resistance*, Seattle, Bay Press, 1997.

LOFLAND, Lyn. *A world of strangers: order and action in urban public space*. Illinois, Waveland Press, 1985.

MISKOLCI, Richard. *San Francisco e a nova economia do desejo*. In: *Lua Nova*, n.91, ano 10. São Paulo, 2014, p.269-295.

MORANDO, Luiz Gonzaga. *Paraíso das maravilhas. Uma história do crime do parque*. Belo Horizonte, Argumentum, 2008.

OLIVEIRA, Thiago. *Levantar bandeira e dar pinta: inflexões etnográficas sobre a história do movimento LGBT em João Pessoa (1980-2002) e suas ressonâncias*. In: *Bagoas*, vol.11, n.16. Natal, 2017a.

_____. *Sobre o desejo nômade: corpo, pessoa, cidade e diferença no universo da pegação*. Rio de Janeiro, Multifoco, 2017b.

PADILHA, Felipe André. *O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFSCAR, 2016.

PARKER, Richard G. *Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade e comunidade gay no Brasil*. São Paulo, Record, 2002.

PELÚCIO, Larissa. “O amor em tempos de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais”. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia – desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 2015.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PIRANI, Denise. *Do campo ao texto, do objeto ao sujeito*. *Cadernos de Ciências Sociais*. vol.6, n.9. Belo Horizonte, 1999, p.21-33.

RODRIGUES, Ricardo. *Assassinato chocou BH em 1946*. *O Estado de Minas Gerais*, 02 de dezembro, 1999.

SOUZA, Marcelo L. de.. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

SOUZA, Tedson. *Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas no terminal da Lapa e adjacências*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – UFBA, 2012.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. *Discursos e representações sobre territórios de “pegação” em Belo Horizonte*. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.



_____. *Territórios homoeróticos em Belo Horizonte*: um estudo sobre as interações no espaço da cidade. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PUC Minas, 2003.

VASCONCELOS, Mario Felipe Fernandes. *Cartografias em zonas de encruzilhada*: por uma etnografia sinestésica do cinemão. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFC, 2017.

